



Educação ambiental: uma proposta para a Educação Infantil

Carolina Busik¹

Carolina Calixto Soletti²

Karen Caon³

Resumo: Esse estudo buscou refletir sobre os principais fatores para uma educação ambiental no qual o grande crescimento do consumo e descarte imediato, o modo de vida individualista do ser humano, a utilização de recursos naturais limitados e o adensamento demográfico contribuem com a degradação do meio ambiente. Nessas perspectivas, a educação ambiental surge como uma proposta de ressignificação às práticas sustentáveis e ecológicas da vida humana. Na Educação Infantil, etapa da Educação Básica, a Educação Ambiental possibilita a sensibilização da criança por meio da apreciação, zelo e responsabilidade com o meio ambiente. Nessa pesquisa, apresenta-se ainda um relato de experiência desenvolvido durante um estágio curricular obrigatório do curso de pedagogia da Faculdade Murialdo com crianças de 3 a 6 anos de idade e atividades para uma Educação Ambiental na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Educação Infantil. Sensibilização.

Environmental education: a proposal of early childhood education

Abstract: This study aimed to reflect on the main factors for an environmental education, in which the great growth of consumption and immediate disposal, the individualistic way of life of the human being, the use of limited natural resources and the population density contribute to the environmental degradation. In these perspectives, the environmental education comes up as a proposal of ressignification to the sustainable and ecological practices of the human life. In Early Childhood Education, the stage of Basic Education, the Environmental Education makes the awareness of the child possible through appreciation, zeal and responsibility with the environment. In this research, there is also an experience report developed during a mandatory curricular internship in Education at Murialdo College, with children aged 3 to 6 years old, and activities for an Environmental Education in Early Childhood Education.

Keywords: Environmental Education. Early Childhood Education. Awareness.

¹ Graduanda de Pedagogia. Faculdade Murialdo. E-mail: carolina.busik@famur.com.br

² Graduanda de Pedagogia. Faculdade Murialdo. E-mail: carolina.soletti@famur.com.br

³ Doutoranda. Faculdade Murialdo. E-mail: karen.caon@famur.com.br

Educación ambiental: una propuesta de educación infantil

Resumen: Este estudio buscó reflexionar sobre los principales factores para una educación ambiental, en la cual el gran crecimiento del consumo y descarte inmediato, la manera de vida individualista del ser humano, la utilización de recursos naturales limitados y la densificación demográfica contribuyen con la degradación del medio ambiente. En estas perspectivas, la educación ambiental surge como una propuesta de resignificación a las prácticas sostenibles y ecológicas de la vida humana. En la Educación Infantil, etapa de la Educación Básica, la Educación Ambiental posibilita la sensibilización del niño por a través de la apreciación, cuidado y responsabilidad con el medio ambiente. En esta investigación, se presenta, también, un relato de experiencia desarrollado durante una pasantía curricular obligatoria del curso de pedagogía de la Facultad Murialdo, con niños de 3 a 6 años y actividades para una Educación Ambiental en la Educación Infantil.

Palabras clave: Educación Ambiental. Educación Infantil. Sensibilización.

1. Educação ambiental: uma necessidade para a sociedade

O meio ambiente, segundo o Direito Brasileiro no artigo 3º da Lei 6.938/81 da Política Nacional do Meio Ambiente, pode ser caracterizado como “o conjunto de condições, leis influências e interações de ordem física, química e biológica que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (BRASIL, 2010). O conceito desse termo abrange essas duas especificações, englobando as relações entre os seres vivos e não vivos e o modo que estes afetam a natureza. A degradação do meio ambiente e suas consequências por meio da atividade humana já se constituem como um dos temas mais debatidos em uma perspectiva internacional. O ser humano, vendo-se como o único ser racional do planeta, adotou uma concepção de vida antropocêntrica (JR & PELICIONI, 2014). Zanon (2015, p.89) descreve a situação para com o meio ambiente:

“Novas matérias, artigos [...] e comunicação vinham à tona e clamavam em gritos de alerta para que a humanidade repensasse sobre si mesma: mudanças profundas nos sistemas de produção, incluindo o consumo e o descarte de materiais, são exigidas, local e globalmente, diante das ameaças à vida e ao planeta como um todo”.

O adensamento demográfico, o consumo dos materiais e recursos do qual consome, é um potencial passo para essa degradação, visto que o meio que é usado para suprir essa necessidade de utilização são limitados e finitos (DIEGUES, 1992). O modo de vida do consumo e descarte imediato com uma visão centralizada na espécie humana no planeta ocasionaram prejuízos aos recursos naturais, limitando seus usos, colocando espécies em extinção, superlotando o planeta com produtos consumidos e descartados facilmente. Narcizo (2009) afirma que o grande prejudicial ao meio ambiente se dá principalmente em

razão da evolução industrial e tecnológica que acabou por levá-lo a um estado de depreciação abundante.

Marcatto (2002), em uma visão mais humanista, acredita que a sociedade mundial tem dado uma visão cada vez mais consciente de que o modo de vida atual está estreitamente ligado à degradação do meio ambiente com consequência na qualidade de vida das pessoas e na sua própria sobrevivência. Afirma ainda que com esse aumento por essas questões tornou mais conhecido os problemas ambientais, o que, porém, não tem sido suficiente para deter o movimento de degradação do meio ambiente. Observa-se muitas tentativas de conscientização da sociedade para esse fator que a cada dia se torna mais preocupante. Dissertando sobre essa visão, Sato (2001) afirma que ela como uma ação sozinha não produz uma verdadeira transformação social, pois a espécie humana se constitui de seres historicamente construídos da qual abstraem a realidade na medida que tornam-se preparados de conceber-se no próprio mundo. Para tanto, uma mudança na constituição do sujeito acarretaria uma mudança no caracterizar o “viver bem” das pessoas, tornando-se um meio para o cuidado com os recursos naturais. Diante dessa perspectiva, a educação ambiental surge como tema para um modo de vida em prol do meio ambiente.

No ano de 1977, ocorreu um dos eventos mais importantes para a Educação Ambiental em nível mundial: a Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental, em Tbilisi, ex-União Soviética. Nesse encontro foram definidos objetivos e estratégias para a Educação Ambiental (CELSO, 2002, p. 25).

Desde esse grande passo para a conservação e o cuidado aos recursos naturais, a educação ambiental tem se tornado um assunto cada vez mais debatido. Em um conceito inicial, ela pode ser caracterizada como aquele campo que traz um olhar sensibilizado e preocupado para com os movimentos em prol da ecologia e sua conscientização, de modo que as práticas prejudiciais aos acessos exacerbados aos recursos naturais tenham uma atenção maior, envolvendo as pessoas em movimentos sociais ambientais (CARVALHO, 2006). Ibrahin (2014, p. 18) dissertando sobre a educação ambiental como um recurso para uma transformação social afirma que é preciso mostrar e mudar a atitude errônea constituinte nos pensamentos que consideram os recursos naturais, “ar, animais, florestas, praias, rios, lagos, mares, subsolo, entre outros, como coisas de ninguém, sem valor, ou que as pessoas não têm nenhuma obrigação ou dever para com ele”. É preciso tornar isso um fator que influencie a vida de toda a espécie humana, pensando na sua futura sobrevivência. Esse é um campo muito discutido atualmente em virtude da preocupação por um aperfeiçoamento

no cotidiano da sociedade, em que muitas práticas sustentáveis são conhecidas, mas por se ter um olhar ainda individualizado, as pessoas acabam por não adotar como uma atitude automática do seu dia a dia. Cuba (2011, p.2) afirma que: “[...] com o crescimento da população mundial, a cada dia pode aumentar também o número de poluidores caso estes não sejam devidamente orientados”. Para que divergentemente de constituírem-se “poluidores” a sociedade seja formada por cidadãos com atitudes sustentáveis deve-se adotar ações desde os primórdios dos seus anos, no momento em que eles estão mais propícios a constituírem sua personalidade.

Nesse sentido a Educação Infantil e os anos iniciais no Ensino Fundamental são etapas fundamentais para o desenvolvimento da inteligência e das habilidades, aptidões, valores e capacidades (MELLO, 1999). Vicentini (2018, p. 133) corrobora afirmando que são nessas fases que

[...] com o desenvolvimento da inteligência humana, da personalidade, das emoções, da consciência e do relacionamento com as outras pessoas que acontece por intermédio da atividade infantil, assim, está condicionado às condições de vida e aos processos de educação e relação social.

Diante disso, vê-se um grande potencial na Educação Básica como um meio para a transformação das práticas sociais dos sujeitos. Para tanto, o presente artigo discorrerá sobre a Educação Ambiental em um âmbito da educação básica, com um enfoque na Educação Infantil, relatando caminhos e experiências que corroboram para essa educação.

2. “Transtorno do Déficit de Natureza”: onde estão as crianças no meio ambiente?

Uma grande problemática no atual modo de ser criança na sociedade contemporânea é a comparação do tempo em que estas passam ao ar livre. Vê-se um histórico de crianças da década de 90 brincando durante grande parte do dia na rua, em contato com a natureza. Diante disso, questiona-se: as crianças de hoje se interessam na mesma intensidade a essas brincadeiras que tem esse contato com o meio ambiente natural? Pode-se pensar que as crianças hoje não destinam o mesmo tempo para brincar livremente na natureza, mas precisa-se compreender o porquê este rico momento foi deixado de lado e o que isto pode ocasionar na vida delas ao decorrer dos anos.

Richard Louv, jornalista e especialista em Advocacy pela infância destinou uma de suas pesquisas diretamente neste assunto desenvolvendo um livro cujo nome é “*A última criança na natureza*” no qual trata da ausência de crianças no contato com a natureza, sendo

considerado por ele um sério risco para o desenvolvimento delas, considerando esta questão a um possível “Transtorno de Déficit de Natureza”, termo criado pelo autor que refere-se às mudanças de comportamentos e de saúde às crianças que não possuem contato com a natureza, um termo linguístico para descrever a desconexão com a natureza que vêm crescendo cada vez mais nas gerações mais novas. Louv (2016) em sua obra afirma que as experiências com a natureza são tão importantes quanto outros aspectos no desenvolvimento da criança, sendo um direito delas experimentá-las.

Louv em entrevista ao projeto Criança e Natureza publicado em Junho de 2017 relatou que depois de publicar seu livro, pais e professores o instigavam relacionando as questões do livro com as suas realidades, por exemplo, um professor que tinha um aluno com espectro autista percebia que ao levar a turma toda para o pátio este aluno se tornava o líder, agradecendo pelo novo saber que tinha deste aluno e também da importância de compreender o ambiente natural. Os pais passaram a perceber que não estavam proporcionando aos filhos este contato com o sol, a grama e os pássaros, deixando de lado a socialização deles com novas crianças. Corroborando ainda, discorre que a falta de brincadeiras ao ar livre, desfrutando do puro e do natural podem acabar por ser ponto de partida para a obesidade infantil.

Todas estas questões que o autor descreve sobre a criança e a natureza vem ao encontro das indagações que são realizadas nas escolas sobre a Educação Ambiental. Esta questão ambiental surge como um tema que contribui no processo de transformação dos seres, principalmente dos agentes futuros que são as crianças. O contato com a natureza, a sua exploração e experimentação além de proporcionar a socialização e um modo de vida mais saudável, contribui para uma crescente transformação no cuidado e na responsabilidade com o meio ambiente, tornando as crianças como parte dele.

3. Teoria e prática: concepções para uma Educação Ambiental

A Educação Ambiental é uma iniciativa que as instituições estão procurando implementar, na busca da formação de cidadãos conscientes e comprometidos com as principais preocupações da sociedade (SERRANO, 2003). Há uma crescente problemática em relação aos projetos que são desenvolvidos pelo fato de estarem sendo explorados de maneira teórica, esquecendo a prática e a vivência que de fato deveria ocorrer para um melhor entendimento e aproveitamento das questões que cercam este estudo.

Esta iniciativa de formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a sociedade é o primeiro passo para uma sensibilização por parte das crianças com a natureza

para que aos poucos ela compreenda o sentido real de tê-la em seu dia a dia e passe a apreciar e por fim, cuidá-la. Ressalta-se ainda que a Educação Ambiental não se preocupa somente com a aquisição de conhecimento, mas principalmente com a mudança de comportamento e a aprendizagem de novos conceitos e valores que visam o melhor para o

mundo em que vivemos. Quando há interesse da maioria das pessoas em um determinado assunto, sabe-se que a união é o próximo passo, desempenhando assim a prática da solidariedade, que para Santos (2000, p.26): “[...] a prática da solidariedade está vinculado ao reconhecimento, à aceitação e a defesa do direito ao exercício da cidadania individual e do outro, e está diretamente ligada a ideia de diversidade cultural”. Esta prática vem ao encontro da formação de cidadãos conscientes, preparados para decidirem e atuarem nesta realidade socioambiental, com tomada de decisões que atuem com o comprometimento com a vida do planeta e conseqüentemente com a de todos que nele habitam. Essa responsabilidade social poderá ser trabalhada na escola, possibilitando a compreensão do que é ser cidadão, qual seu papel na sociedade e o que sua presença pode causar e modificar no meio em que vive. Segundo Segura (2001, p. 21):

A escola foi um dos primeiros espaços a absorver esse processo de “ambientalização” da sociedade, recebendo a sua cota de responsabilidade para melhorar a qualidade de vida da população, por meio de informação e conscientização.

Precisa-se levar em consideração o ambiente que estes estudantes se encontram, qual sua realidade social, qual o seu sentimento de pertencimento a este mundo, bem como, se observa estas mudanças ambientais acontecendo. Somente depois disso, o professor e a escola conseguirão transformar o seu senso comum em saber científico, fazendo com que este possa pensar e por fim, agir.

5. Relato de experiência: a sensibilização do sujeito na Educação Infantil

Compreende-se que na Educação Infantil ocorre o desenvolvimento moral e intelectual da criança perante a sua vida social, ambiental e cultural. Diante disso, se propõe que por meio dessa concepção os educadores estimulem um meio desafiador que instigue nas crianças a aprender cada vez mais sobre o meio ambiente, despertando o zelo e um olhar de responsabilidade. Segundo Tiriba (2010, p.2):

Creches e pré-escolas são espaços privilegiados para aprender-ensinar porque aqui as crianças colhem suas primeiras sensações, suas primeiras impressões do vive. Neste sentido, a dimensão ambiental não poderia

estar ausente, ou a serviço da dimensão cultural, ambas deveriam estar absolutamente acopladas.

Observando a Educação Infantil como um espaço de descobertas e experimentações, o Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Murialdo organiza-se com quatro Estágios Curriculares Supervisionados que são realizadas na Educação Básica, sendo dois deles na Educação Infantil e dois nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. As acadêmicas foram desafiadas a alicerçar a teoria vivenciada até o momento em conjunto com a prática. Em uma das atividades do estágio, partindo do princípio da sensibilização das crianças da turma escolhida, sendo estas crianças de três a seis anos. Foi proposto que observassem o que têm de mais bonito no pátio registrando-os com a câmera de um celular. Essa observação aconteceu por meio de uma lupa e um binóculo.

Figura 1: Foto registrada pelas crianças de uma planta do pátio da escola.



Destaca-se nesse momento a curiosidade, sendo lindo perceber o interesse nos olhos das crianças e o encanto pelo novo que esteve presente a todo momento, sendo que cada criança tinha um novo modo de representar este sentimento. Morin (2003) enfatiza sobre a criança que os seus questionamentos devem ser encorajados, instigados e orientados a transformação do conhecimento empírico para soluções científicas para questionamentos, para os problemas da nossa vida e do nosso mundo.

Com a atividade proposta, percebe-se que é por meio da interação e da prática que a sensibilização da criança para com a natureza irá se solidificando em uma ideia de apreciação e cuidado. Embora a escola tivesse pequenos espaços com área verde no pátio nota-se que os olhares estavam voltados para o meio ambiente e as inúmeras possibilidades que ele traz. Elas tiveram a oportunidade de explorar o ambiente, buscando o que lhe era mais agradável aos olhos. As práticas ao ar livre proporcionam as crianças aprendizagens que

visam o bem estar ao serem realizadas, integrando isso a prática da solidariedade desenvolvendo assim um espaço de relações. A sensibilização da criança para com o meio ambiente como uma forma de apreciação e cuidado possibilita a ela a visão que o meio ambiente é um local de experiências e de responsabilidade de todos. Essa responsabilidade é ainda escassa atualmente por o tempo destinado ao contato e a brincadeiras ao ar livre e com a natureza é limitado, sendo substituído por outras formas de lazer.

Figura 2: Foto registrada pelas crianças de uma parte do tronco de árvore.



Com a presente prática vê-se a importância do trabalho dos educadores em explorar a educação ambiental em sua prática pedagógica, sendo como um norte para as crianças compreenderem soluções para os desafios desta questão. Esta relação entre criança e o meio ambiente ocorre através da sua curiosidade e necessidade em explorar o mesmo, se integrando e interagindo com ele, gerando assim uma mudança no pensamento e na possível transformação de conceitos e valores que precisa-se ter para ajudar o planeta.

Em relação a utilização do pátio Vygotsky (1989) afirma que o brincar libera a criança das limitações do mundo real, permitindo que ela crie situações imaginárias, sendo ao mesmo tempo é uma ação simbólica essencialmente social, que depende das expectativas e convenções presentes na cultura. Estes momentos no pátio demonstraram muita alegria por parte das crianças por estarem em um ambiente tão rico e especial para seu desenvolvimento social e psicomotor, expondo um carinho especial pelo pátio e pelo que está sendo trabalhado nele.

Figura 3: Foto registrada pela acadêmica das crianças observando o pátio.



Analisa-se ainda que seja necessário aos educadores que tenham a habilidade de trabalhar a partir do entendimento que as crianças têm sobre o assunto, começando por dar valor ao senso comum que eles expressam no seu cotidiano. Essa etapa inicia-se na Educação Infantil, pois é nesta fase que as crianças começam as interações sociais, onde expressam suas ideias, interagem com o meio e descobrem o novo.

6. Caminhos para uma educação ambiental

Na trajetória da Educação Ambiental, apontam-se muitas direções para diferentes contextos no grande objetivo que é a transformação no modo de vida do ser humano. Em uma perspectiva escolar, experiências e descobertas são passos indispensáveis para esse caminho. Tiriba (2010, p.9) traz uma visão que amplia as possibilidades da escola quanto aos seus espaços:

[...]todos os lugares são propícios às aprendizagens: terreiros, jardins, plantações, criações, riachos, praias, tudo que está entorno do bairro, a cidade, pontos históricos e pitorescos, as montanhas, o mar... Além de se constituírem com espaços de brincar livremente e relaxar, estes locais podem também ser explorados como lugar de ouvir histórias, desenhar e pintar, espaços de aprendizagem, em que se trabalha uma diversidade de conhecimento.

A importância dos diferentes ambientes de aprendizagem descritas por Tiriba possibilita aos professores ideias e recursos a serem trabalhados diante dessas questões. Os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) descrevem que para o desenvolvimento de valores sociais e conhecimentos se deve buscar atividades interativas que relatem através de histórias, brincadeiras e canções informações sobre às tradições culturais de sua comunidade e outros. Em um contexto de Base Nacional Comum Curricular – BNCC, um novo eixo norteador para as escolas contendo as capacidades e habilidades que

seus alunos devem construir descreve que por meio do corpo as crianças desde pequenas conhecem o mundo e os objetos, coisas, sons, cores e aromas ao seu redor, estabelecem ligações, brincam, vivenciam e produzem conhecimento sobre o eu, o outro, o universo social e cultural, tornando-se de forma progressiva conscientes dessa corporeidade (BRASIL, 2017). A BNCC contempla ainda que (2017, p. 40-41):

As crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. Portanto, a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações.

Diante dessas perspectivas, faz-se necessário que o educador proporcione às crianças práticas que resultem em diferentes objetivos, que o mesmo seja o mediador dessas atividades visando também a autonomia dos pequenos para que assim a aprendizagem seja de sua totalidade completa e significativa.

A horta escola é uma atividade que envolve a construção de conhecimentos teóricos alicerçados com práticos, explorando a aprendizagem pelo movimento e pelo fazer de forma contextualizada. Pode-se caracterizá-la como um laboratório vivo que promove o desenvolvimento de habilidades coletivas e cooperativas entre os agentes envolvidos, explorando ainda a educação ambiental e alimentar (MORGADO, 2006).

Outra proposta para a Educação Infantil é o uso de livros literários para a sensibilização da criança. Freitag e Motta (2015, p. 83) descrevem esse encontro da literatura e da criança como o momento em que a leitura proporciona um contrato de sentidos com as vidas envolvidas, “[...] uma vez que o texto literário se integrou à dimensão social [...]”. Para tanto, livros contextualizados com a realidade da criança que integrem a educação ambiental tornam-se aliados nesse processo.

Observa-se ainda a educação ambiental como algo superficial na Educação Básica, sendo proposto conceitos e atividades que não busquem resgatar nas crianças o zelo pelo meio ambiente. Diante dessa realidade, a escola necessita se posicionar estimulando o contato e o cuidado como algo natural e contextualizado, sendo este um trabalho integral e constante.

7. Considerações finais

A Educação Ambiental é um tema tratado mundialmente desde 1977, sendo em todos os seus momentos uma necessidade de transformação social. O ser humano, mesmo não

sendo um assunto desconhecido, continua a viver de forma imprudente, com um consumo exacerbado e com uma prática de vida que usufrui dos recursos naturais de forma inconsequente. Essas práticas contra o meio ambiente são, de forma involuntária e voluntária, passadas às gerações mais novas, que a cada dia se encontram com menos contato com a natureza e o seu cuidado.

A grande degradação dos recursos naturais do planeta fez com que essa situação perpassasse pelos mais variados meios da mídia social. Infelizmente, mesmo com essa grande ênfase, por muito tempo a Educação Ambiental foi trabalhada nas escolas com base em conceitos e situações sem um interesse em um novo olhar para o meio ambiente, que é limitado e finito. As crianças são contempladas com teoria a cerca desse tema, o que em nenhum momento descarta-se como irrelevante. O que acontece na grande parte das escolas é a falta de contato com experimentações, com descobertas e vivências que possibilitam uma construção de zelo pelo planeta.

Além dessa crescente perspectiva no trabalho com esse tema de forma extremamente teórica, algumas etapas da Educação Básica têm sido esquecidas. A Educação Infantil é uma importante fase que contempla crianças em um momento de construção e consolidação de valores e princípios. Investir no trabalho com a Educação Ambiental com crianças de 0 a 6 anos é acreditar em uma transformação no modo de viver desde quando eles ainda são pequenos, tornando-os adultos mais conscientes dos seus atos e com um olhar sustentável para com o seu modo de vida. Para esse trabalho, observou-se na experiência vivida durante o Estágio Curricular que a sensibilização do olhar da criança como uma forma de apreciar e gostar contribui para posteriormente a preocupação pelo bem estar natural. Além disso, destaca-se que o contato diário com a natureza, explorando-a e brincando contribuem para a saúde da criança.

Durante esse estudo contemplou-se diversas pesquisas com o tema de Educação Ambiental que contribuíram para o seu desenvolvimento de uma forma mais qualificada. Nesse campo, os autores antigos possibilitaram conhecer o histórico desse tema, mostrando os caminhos que foram trilhados, e os atuais as tendências para o futuro. Em um contexto de Educação Infantil, os estudos foram limitados. Encontrou-se artigos sobre o tema que contemplavam principalmente os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Diante disso destaca-se a necessidades de pesquisas que contribuam com esse público-alvo, deixando de ficar em um segundo plano em uma perspectiva de Educação Ambiental. Além de estudos, o desenvolvimento de projetos práticos para a sociedade, não distinguindo as diferentes classes sociais, fazem-se importantes na transformação dos hábitos ambientais.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: conhecimento de mundo**. Brasília: MEC/SEF, v.03. 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil**. Brasília: 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>>. Acesso em: 10/08/2018.

BRASIL. LEI Nº 6.938, DE 31 DE AGOSTO DE 1981. **Política Nacional do Meio Ambiente**. Brasília, DF, setembro 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6938.htm>. Acesso em: 31/07/2018

CARVALHO, Isabel. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CUBA, Marcos Antonio. Educação ambiental nas escolas. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 1, n. 2, 2011.

DIEGUES, Antonio Carlos S. Desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis: da crítica dos modelos aos novos paradigmas. **São Paulo em perspectiva**, v. 6, n. 1-2, p. 22-29, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAG, Felipe; MOTTA, Vaima Regina Alves. Meios, modos e objetos de ensino de literatura para a sensibilização literária e para a formação de leitores no ensino médio: os alunos problematizam. **Entrelinhas**, v. 10, n. 1, p. 69-87, 2016.

IBRAHIM, Francini Imene Dias. **Educação ambiental: estudos dos problemas, ações e instrumentos para o desenvolvimento da sociedade**. São Paulo: Érica, 2014.

JR, Arlindo Philippi.; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. Bases Políticas, Conceituais, Filosóficas e Ideológicas da Educação Ambiental. In: PELICIONI, Maria Cecília Focesi.; JR, Arlindo Philippi. **Educação ambiental e sustentabilidade**. Barueri, SP: Manole, 2014.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do deficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

MARCATTO, Celso. **Educação ambiental: conceitos e princípios**. Fundação Estadual do Meio Ambiente de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2002.

MELLO, Suely Amaral. Algumas implicações pedagógicas da Escola de Vygotsky para a educação infantil. **Pro-Posições**, v. 10, n. 1, p. 16-27, 1999.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

- MORGADO, Fernanda da Silva. **A horta escolar na educação ambiental e alimentar: experiência do Projeto Horta Viva nas escolas municipais de Florianópolis.** 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/118768/230911.pdf?sequence=1>> Acesso em: 17/08/2018.
- NARCIZO, Kaliane Roberta dos Santos. Uma análise sobre a importância de trabalhar educação ambiental nas escolas. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 22, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma concepção pós-moderna do direito.**In: **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2000.
- SATO, Michèle. Debatendo os desafios da educação ambiental. **Revista ambiente e educação**, 2001. p. 14-33.
- SEGURA, Denise de Souza Baena. **Educação ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica.** Annablume, 2001.
- SERRANO, C. M. L. **Educação ambiental e consumerismo em unidades de ensino fundamental de Viçosa-MG.** Dissertação(mestrado em Ciência Florestal) - Universidade Federal de Viçosa: UFV, 2003. 91p. Disponível em: <<http://www.ipef.br/servicos/teses/arquivos/serrano.cml.pdf>>, acesso em 30 de julho de 2018.
- TIRIBA, Léa. Crianças da natureza: Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis. **8. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais**, Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file>>. Acesso em: 03/08/2018.
- VICENTINI, Dayanne. **Formação e ensino na primeira infância: da aparência à essência para uma práxis humanizadora.** Universidade Estadual de Londrina, dissertação de mestrado. Londrina/PR, 2018.
- VYGOTSKY, Lev Semyonovich; Et. al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1989.
- ZANON, Lenir Basso. **Desafios da formação docente associados à reconstrução curricular na perspectiva da interdisciplinaridade e da educação ambiental.** In: GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver.; MACÊDO, Francisco Cristiano da Silva.; SOUZA, Fábio Lustosa. Educação em ciências e matemática: debates contemporâneos sobre ensino e formação de professores. Porto Alegre: Penso, 2015.

*Submetido em: 23-09-2018.
Publicado em: 26-11-2018.*